

APRESENTAÇÃO



A ERA DA INTERNACIONALIZAÇÃO

-
Luana Ferreira de Fretas*
Ilana Heineberg**
Marie Helene Catherine Torres***

O tema desse número temático "Tradução, internacionalização e práticas culturais" está ligado à História da Tradução e dos Tradutores. A literatura traduzida ocupa um lugar importante no conjunto da produção literária mundial e tem desempenhado uma posição de destaque na formação e na renovação das diferentes literaturas nacionais. Neste sentido, o presente número procura abrir novos horizontes para a reflexão sobre o estatuto das literaturas no mapa-múndi da literatura (Pascale Casanova), isto é, contribuir para a História da Tradução.

As teorias estritamente linguísticas da tradução foram substituídas pela visão de que a tradução deve ser considerada em seu contexto cultural, histórico e sociológico. Poucos historiadores da ciência apreenderam sistematicamente a questão da tradução considerando-a como digna de ser estudada. Como afirmado por Antoine Berman em *A prova do estrangeiro* (2002, 14),

Fazer a história da tradução é redescobrir pacientemente essa rede cultural infinitamente complexa e desconcertante na qual, em cada época, ou em espaços diferentes, ela se vê presa. é fazer do saber histórico assim obtido uma abertura de nosso presente.

A emergência de recortes mais amplos dos Estudos da Tradução coincide com a valorização, no campo disciplinar da História, de perspectivas capazes de dar conta do mundo globalizado em que vivemos e de suas interações. Assim, estudos de História Global, História Transnacional ou ainda História Cruzada ou Conectada vêm ganhando força. Pesquisadores que adotam esses vieses insistem no fato de que a ampla circulação internacional de impressos e de outras práticas culturais não é um advento da terceira mundialização! (Mongin, 2007) e que as literaturas nacionais sempre se construíram a partir de transferências e trocas culturais, questionando assim a crença na dicotomia nacional/estrangeiro.

No campo da literatura, podemos citar a posição de Michel Espagne e Michael Werner que consideram "impossível definir uma literatura nacional sem referências constantes a elementos estrangeiros"² (1994, 7). Anne-Marie Thiesse (1999, 11, tradução nossa), por sua vez, sustenta uma posição análoga ao lembrar que o processo de formação das identidades nacionais no século XIX constitui um fenômeno internacional.

Desse ponto de vista, a noção de transferência cultural tornou-se incontornável. Desenvolvida principalmente por Michel Espagne e Michael Werner no campo de estudos das relações franco-germânicas no século XIX, multidisciplinar por definição, o termo destaca a ideia de movimento, de transformação da obra em função do contexto e, contrariando as metodologias

*Professora da UFC, coordenadora da POET - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFC e membro da PGET - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC. Bolsista de produtividade do CNPq. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0165-421>

**Maîtresse de conférences (professora adjunta) no Departamento de Estudos Lusófonos da Université Bordeaux Montaigne. Atua no Master Estudos Culturais e dirige o núcleo de pesquisa sobre o países de língua portuguesa do laboratório Ameriber. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4158-0115>

***Professora da UFSC, membro PGET - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC e da POET - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFC. Bolsista de produtividade do CNPq. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9263-0162>

comparativas tradicionais, relativiza a noção de centro e coloca em evidência a via de mão dupla envolvida nesses processos³. Vale lembrar que o comparatismo sempre valorizou as trocas no sentido que vai de uma cultura dominante a uma cultura subalterna, invisibilizando sistematicamente o fluxo contrário.

Para Michel Espagne a própria definição de tradução torna-se inseparável da noção de transferência cultural (1999, 8, tradução nossa):

Uma transferência cultural é uma espécie de tradução, já que corresponde à passagem de um código a um novo código. Se os hábitos sociais no sentido mais amplo do termo realmente constituem códigos culturais, a língua permanece o código paradigmático. A história das traduções, tanto no sentido próprio quanto no sentido figurado é, portanto, um elemento importante das pesquisas sobre as passagens entre culturas.⁴

Num artigo posterior, Espagne (2012) argumenta que o discurso paratextual, como o texto da contracapa, as ilustrações, os formatos, a inserção em uma série e até mesmo a tipografia, são a prova de que uma tradução nunca é o equivalente exato do texto original. Essa observação permite a Michel Espagne voltar a uma das principais premissas da noção de transferência cultural que nos interessa particularmente aqui: a de que a obra se transforma com o contexto. Fica evidente nessa afirmação a referência à sociologia de Pierre Bourdieu (2002, 2), sobretudo quando este lembra que "as obras não levam consigo o contexto" quando circulam internacionalmente.

Nesse sentido a maneira como o historiador da cultura Roger Chartier define o conceito de apropriação torna-se bastante útil para entender a implantação de uma tradução em seu contexto:

A apropriação, tal como a entendemos, diz respeito a uma história social dos usos e das interpretações, reconduzidos às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produziram. Dar atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, conduzem aos processos de construção do sentido (na relação de leitura mas também em muitas outras) é reconhecer, indo contra a antiga história intelectual que, categorias dadas como invariáveis, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na continuidade das trajetórias históricas (Chartier, 1997, 74, tradução nossa).⁵

Chartier considera a diversidade das apropriações - editores, tradutores, leitores - e insiste no conhecimento da materialidade dos suportes de leitura bem como na historicização destes. Trata-se, nas suas palavras de uma "volta aos arquivos" (Chartier 1997, 10). No domínio da tradução propriamente dita, pensar em termos de apropriações oferece perspectivas inovadoras.

Na França, a obra coletiva *Histoire des traductions en langue française* representa a concretização de um projeto ambicioso de contribuir para a conscientização de que "não é mais possível escrever a história do pensamento ou da literatura sem levar em consideração o papel desenvolvido pelos tradutores" (Chevrel & Masson 2012, 14).

Assim, visando ampliar estudos sobre tradução, internacionalização e transferências culturais, apresentamos vários artigos, resenhas e uma entrevista com Marcelo Jacques de Moraes, diretor da editora da UFRJ.

O primeiro artigo, escrito em língua inglesa, "Translating African Diaspora Writing: The Poetic Worlds of Conceição Evaristo in Poems Of Recollection and Other Movements", é de autoria de Antonio Dwayne Tillis e Maria Aparecida Andrade Salgueiro. Ambos os pesquisadores-tradutores discutem, a partir da teoria de tradução (inter) (trans)cultural, principalmente, a partir da teoria de Spivak, os conceitos como etnicidade, afro-descendência e negritude, sempre considerando a tradução como 'cruzamento de fronteiras', como reconstrução do outro.

O segundo artigo intitulado em francês "Paulo Coelho: Quelques réflexions sur sa réception en Côte d'Ivoire" é resultado da pesquisa de dois docentes-tradutores da Costa do Marfim, Brou Angoran Anasthasie e Yéo N'gana. Os autores fizeram uma pesquisa de campo, analisando as obras

de Coelho vendidas em quatro livrarias de Abidjan a partir do que chamam de 'mediação em tradutológica' para tentar responder a perguntas como: as traduções circulando na Costa do Marfim foram feitas especificamente para aquele país? Ou ainda, são traduções feitas para o grande público de língua francesa em geral?

O terceiro artigo que foi escrito por Elizabeth Santos Ramos e Luana Lise Carmo da Solidade com o título de "Por Uma Tradução Performática" propõe o acréscimo da tradução performática a três outros tipos de tradução do Jacobson com argumentos científicos baseados em escrita, evento e oportunidade. As reflexões passam também pelo questionamento da autoria do tradutor, ou melhor, do tradutor-intérprete das performances apreendidas enquanto formas estéticas e políticas de recriação.

Sheila Maria dos Santos interessou-se pela tradução realizada por escritores de *à l'ombre des jeunes filles en fleur* (1919), segundo volume da *Recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, em português do Brasil. Considerando o potencial criativo e a tendência dos escritores a se fazerem mais presentes nas traduções, o artigo confronta os resultados às intenções do autor. Desse modo, a pesquisadora analisa algumas estratégias de tradução adotadas por Mário Quintana e por Fernando Py em relação ao ritmo e a pontuação proustianos, bem como à tradução de certos elementos culturais franceses.

Andréa Cesco e Mara Gonzalez Bezerra apresentam comentários a respeito de sua tradução para o espanhol de três contos de *Noite da taverna*, de Álvares de Azevedo, grande nome da corrente ultrarromântica brasileira. As autoras constataam a falta de traduções para o espanhol e, com Evan-Zohar, justificam a importância de internacionalizar o cânone brasileiro. Depois de descreverem a obra do autor, justificam e argumentam algumas de suas escolhas tradutórias.

Partindo da premissa de que se deve incluir as traduções nas histórias literárias nacionais, Muguras Constantinescu, tomando o caso particular da Romênia, propõe a contribuição "Prousten roumain - *A la recherche du temps perdu*". A partir de dados biográficos dos tradutores, estudo dos paratextos, levantamento dos textos de partida, a pesquisadora busca historicizar as diferentes estratégias tradutórias bem como o impacto da obra de Proust na literatura e na tradução romena.

Em "Irmãs Bronte, Katherine Mansfield e Virginia Woolf: Um século de traduções no Brasil", Denise Bottmann faz uma pesquisa historiográfica, a mais exaustiva possível, das obras das autoras em tradução no Brasil a partir de fontes primárias. As análises e comentários de cada uma das obras elencadas permitirá aos pesquisadores e historiadores dos Estudos da Tradução encontrar uma fonte acessível, confiável e facilmente consultável.

Em "No caminho de Proust: o clássico e suas traduções como acontecimento", Gilles Abes parte dos conceitos de rizoma, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e da metodologia da micro-história, tal como enunciada por Giovanni Levi, para propor uma história da tradução capaz de dar conta do percurso de uma obra clássica. Os pressupostos teóricos são, portanto, tanto o da horizontalidade quanto o da particularidade. O pesquisador se debruça no caso da tradução italiana de Natalia Guinzburg de *No caminho de Swann* para demonstrar como o ato tradutório se inscreve e se imbrica na história familiar da tradutora, repercutindo também no destino da obra traduzida, o que permite considerar a tradução como um *acontecimento*.

A seção dedicada às resenhas conta com quatro contribuições. Kamila Moreira de Oliveira e Philippe Humblé resenham *Untranslatability: Interdisciplinary Perspectives* organizado por Motoko Akashi, Wanda Józwickowska, Emily Rose e Duncan Large, de 2019 pela Routledge. *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives* (2017), publicado pela Routledge, foi resenhado por Naylane Matos e Andréia Guerini. Rosângela Fernandes Eleutério e Sergio Luiz Rodrigues Medeiros resenham *Traduções da Cultura: Perspectivas Feministas (1970 - 2010)* publicado pela Edufal em 2017 e organizado por Izabel Brandão, Ildney Cavalcanti, Claudia de Lima Costa e Ana Cecília Acioli Lima. Jinnye Altamira de Paiva Melo e Luana Ferreira de Freitas resenham *Gender in Literary Translation: A Corpus-Based Study of the English Translations of Chenzhong De Chibang* de Lingzi Meng, publicado pela Springer em 2019.

Giuseppe Marci fecha o número com o artigo "Affresco siciliano o della bellezza intravista: Saggio di filologia camilleriana" traduzido por Rafael Ferreira da Silva. O artigo de Marci traça paralelos entre os pontos de vista da narrativa do escritor sículo-americano Jerre Mangione em "Reunião na Sicília" (1950), traduzido para o italiano em 1992, e a do conta-histórias siciliano

Andrea Camilleri em "Excursão a Tíndari" (2000) e em "A Beleza Avistada" (2017), ao recontarem um mesmo acontecimento vivenciado na ilha, nos anos 1940, por ambos quando jovens. São levadas em consideração questões relacionadas à identidade cultural siciliana dos escritores: Mangione, como filho de imigrantes, nascido e criado nos Estados Unidos, e Camilleri, nascido e criado na ilha italiana, radicado em Roma até o seu falecimento em 2019.

Walter Carlos Costa fecha o número com uma entrevista com o professor, tradutor, autor, editor e, desde outubro de 2019, diretor da editora da UFRJ, Marcelo Jacques de Moraes. Na entrevista, Moraes fala sobre a recepção de Baudelaire no Brasil; a tradução que fez de *Pensar em não ver*, de Jacques Derrida; sua experiência como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (UFRJ); como editor da *Alea*, uma das mais importantes revistas de estudos literários do país; e o papel das editoras universitárias, entre outras coisas.

Esperamos que os textos reunidos neste número temático da Revista de Letras possam contribuir com a discussão da relação entre Estudos da Tradução, História e Sociologia na era da internacionalização ao chamar a atenção para a relação entre tradução, transferência cultural e formação das literaturas nacionais.

REFERÊNCIAS

Abreu, Márcia (org.), *Romances em movimento. A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*, Campinas, Unicamp, 2016.

Bourdieu, Pierre. "Les conditions sociales de la circulation internationale des idées". *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 145, décembre 2002. La circulation internationale des idées, p. 3-8.

Chartier Roger. *Au bord de la falaise : l'histoire entre certitudes et inquiétude*, Paris, Albin Michel, Bibliothèque Albin Michel Histoire, 1997.

Espagne, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*, Paris, PUF, 1999.

Espagne, Michel. "La notion de transfert culturel", *Revue Sciences/Lettres* [online], 1/ 2013, consultado em 21/4/2020. URL: <http://journals.openedition.org/rsl/219> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/rsl.219>

Espagne, Michel et Werner, Michael, "Avant-propos", Espagne Michel et Werner Michael (org.), *Philologiques III. Qu'est-ce qu'une littérature nationale ? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*, Paris, éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1994.

Mongin, Olivier. "Le décentrement du monde", *Esprit*, vol. juin, no. 6, 2007, pp. 54-61.

Thiesse, Anne-Marie. *La création des identités nationales*, Paris, éditions du Seuil, 1999.

"La notion de transfert culturel", *Revue Sciences/Lettres* [online], 1/ 2013, consultado em 21/4/2020. URL: <http://journals.openedition.org/rsl/219> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/rsl.219>

Espagne, Michel et Werner, Michael, "Avant-propos", Espagne Michel et Werner Michael (org.), *Philologiques III. Qu'est-ce qu'une littérature nationale ? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*, Paris, éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1994.

Mongin, Olivier. "Le décentrement du monde", *Esprit*, vol. juin, no. 6, 2007, pp. 54-61.

Thiesse, Anne-Marie. *La création des identités nationales*, Paris, éditions du Seuil, 1999.

NOTAS

- 1 Para Olivier Mongin (2015: 55), a terceira mundialização está ligada às novas tecnologias e à revolução econômica iniciada nos anos 1960, que inaugurou rupturas históricas ao fusionar a diversidade das "economias-mundo" em "uma só economia-mundo", o que nos autoriza a qualificar esta última de "global". Já a primeira mundialização histórica seria um fenômeno econômico indissociável da cidade comercial que acompanha, no plano político, o advento das liberdades comunais da Idade Média. A segunda mundialização

corresponde à emergência da sociedade industrial entre 1870 e 1914.

- 2 "la définition même de ce qu'est une littérature nationale n'est guère possible sans le recours permanent à des éléments de cultures étrangères."
- 3 A pesquisadora Márcia Abreu, por exemplo, deixa bem clara a premissa teórica de que as transferências culturais no espaço transatlântico constituem uma via de mão dupla ao nomear o seu projeto de cooperação internacional "Circulação transatlântica dos impressos - A globalização da cultura no século XIX" (Cf. Abreu 2016).
- 4 "Un transfert culturel est une sorte de traduction puisqu'il correspond au passage d'un code à un nouveau code. Or si les habitudes sociales au sens le plus large du terme constituent bien des codes culturels, la langue reste le code paradigmatique. L'histoire des traductions, aussi bien au sens propre qu'au sens figuré est donc un élément important des enquêtes sur les passages entre cultures." (Espagne 1999, 8)
- 5 "L'appropriation telle que nous l'entendons vise une histoire sociale des usages et des interprétations, rapportés à leurs déterminations fondamentales et inscrits dans les pratiques spécifiques qui les produisent. Donner ainsi attention aux conditions et aux processus qui, très concrètement, portent les opérations de construction du sens (dans la relation de lecture mais dans bien d'autres également) est reconnaître contre l'ancienne histoire intellectuelle, que ni les intelligences ni les idées ne sont désincarnées, et, contre les pensées de l'universel, que les catégories données comme invariantes, qu'elles soient philosophiques ou phénoménologiques, sont à construire dans la discontinuité des trajectoires historiques." (Chartier, 1997, 74).